

# APRESENTAÇÃO

**Cléo Vilson Altenhofen**  
**Cláudia Fernanda Pavan**

O presente volume dos Cadernos de Tradução surgiu a partir do fluxo de pesquisa e de ensino da língua alemã, em uma via de mão dupla bastante ativa no Instituto de Letras da UFRGS. Em uma direção, moveu-nos o desejo de proporcionar aos graduandos e pós-graduandos, em formação na área de germanística, experiências tradutórias da língua alemã para o português que atendessem a demandas reais de produção de conhecimento. No sentido oposto, da perspectiva de um retorno para a comunidade científica em foco, motivou-nos o interesse de preencher lacunas de textos do âmbito internacional para a área de Sociolinguística e Dialetoлогия que, a nosso ver, mereciam uma atenção especial. Constantemente, na prática diária das aulas na Pós-Graduação, especialmente em nossa linha de pesquisa de Sociolinguística, esses textos (assim como outros que infelizmente não conseguimos incluir aqui) vinham à tona, mas esbarravam na falta de uma tradução para serem devidamente “digeridos e absorvidos”.

Não se trata evidentemente de dois movimentos que se chocam mutuamente, e sim, pelo contrário, de diálogos e encontros, em uma troca que é inerente à tradução e que permite aproximar conhecimentos, onde a diferença de línguas ainda impede uma comunicação mais efetiva. Para nós, organizadores deste volume, que mediamos e circulamos nas duas vias desse processo, esses dois focos de atenção proporcionaram um aprendizado com o qual não havíamos contado e que já nos anima a novos debates e diálogos romanístico-germanísticos. Em outras palavras, a organização e revisão das traduções que compõem este volume, além da contribuição à área e à formação, proporcionou-nos uma experiência de pesquisa extremamente reveladora. Não seria, portanto, nenhum exagero falar de uma via de trabalho de mão tripla que, aliás, cumpre com louvor com a proposta destes Cadernos de Tradução: 1) formação em tradução, 2) disponibilização de conhecimento como contribuição ao desenvolvimento de uma área específica; e, no meio de tudo isso, 3) espaço de pesquisa, visando à produção de conhecimento novo. Pela oportunidade e confiança para que pudéssemos assumir este

número 40 dos Cadernos de Tradução, somos muito, muito gratos. E esperamos que, na continuidade do processo de leitura de conhecimento vindo de uma L2 por meio de uma L1, em grande parte também distinta de nossa bagagem linguística individual, os artigos contidos neste volume tenham amplo uso e ajudem a trazer novos impulsos à área de Sociolinguística e Dialectologia, em nossas universidades.

Há, certamente, entre a língua alemã e a portuguesa brasileira, tradições de escrita científico-acadêmica e recursos linguísticos bem distintos. O alemão conta, por exemplo, com uma facilidade muito grande de produzir *Komposita* e precisar, com uma simples partícula, um termo específico (cf. os diversos sentidos possíveis para *Aufnahme* em *Sprachaufnahme* ‘registro/gravação da língua’, *Momentaufnahme* ‘foto/registro/gravação momentânea’, *einzelne Aufnahmen* ‘foto/registro/gravação em particular, cada uma’ etc.). Além disso, dado o ineditismo dos textos selecionados, a tradução dos artigos que se seguem viu-se, muitas vezes, diante de decisões terminológicas, para as quais ainda não se possui um correlato em português (cf. *Standardsprechsprache* ‘língua *standard* falada’; também *Sprechlage* ‘estado de fala’), ou de termos que encontram determinado uso, porém sem um consenso quanto à tradução (cf. *Dialekttiefe* ‘literalmente, profundidade dialetal, porém mais moderna-mente o grau de dialetalidade [entre o *standard* e o dialeto-base, situado na base de um contínuo linguístico]’).

Todas essas questões nos criam a expectativa de que, também neste terreno, da construção da terminologia, este volume possa se tornar uma contribuição valiosa e uma referência de consulta [quase] obrigatória, para futuras traduções. Não é possível detalhar, aqui, a quantidade de aspectos que observamos. São muitos, apesar da amostra relativamente pequena de quatro textos. Valeria a pena, contudo, elaborar um glossário que orientasse futuras traduções de textos da área, no sentido de padronizar e consolidar a terminologia corrente. Fica, ao invés disso, a recomendação para que o leitor atente para esse cuidado terminológico, a fim de não confundir conceitos e de manter a uniformidade necessária e desejável.

O presente volume reúne quatro artigos inéditos, escolhidos a dedo e traduzidos, quase por encomenda, por um grupo de graduandos e pós-graduandos da nossa área de Alemão, na UFRGS. Pelas características e propósitos mencionados, não hesitamos em constituir, em um caso ou outro, verdadeiras equipes de tradução. A troca, em muitas decisões terminológicas foi um diferencial não apenas para a qualidade da tradução, como também para a formação dos participantes.

Os quatro artigos, provenientes da dialectologia, romanística e germanística alemã, têm como eixo comum percursos teóricos e metodológicos da área. Embora nasçam no interior da dialectologia, esses percursos não lhe são exclusivos, e sim se cruzam especialmente com os da sociolinguística, que de certo modo faz parte desses mesmos debates e inquietudes presentes no estudo comum da variação e mudança linguística.

O primeiro texto apresentado, de **Eugenio Coseriu**, propõe uma definição do conceito de “dialeto” como um conceito relacional ao de “língua histórica”. Trata-se de uma palestra proferida durante o Simpósio Internacional “*Zur Theorie des Dialekts*”,

realizado em Marburg/Lahn, em 1977, e publicada na ZDL (*Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, 1980). Nessa palestra, Coseriu busca definir o que seria a tarefa e o objeto de estudo da dialetologia. Apesar de se tratar de um texto mais antigo, seu valor permanece incontestável e atual, sobretudo ao buscar desenvolver os conceitos de “dialeto” e de “língua histórica” sob uma base mais sólida e fundamentada, e “não meramente intuitiva”. O estilo do texto, além disso, mostra a genealidade e originalidade do pensamento de Coseriu, premiada, ao final, com considerações e perguntas de participantes bem conhecidos, como E. Haugen e H. Kloss, em um debate que, nos dias atuais, faz falta às nossas pesquisas. Embora o conteúdo do texto tenha sido publicado em moldes parecidos, logo depois, em 1982, e curiosamente na América (no México), o texto apresentado aqui serve para elucidar e enaltecer a importância teórica que Coseriu assume para a evolução da dialetologia do velho para o novo. Quando afirma que “a tarefa da dialetologia deve ser o estudo de toda a diferencialidade diatópica da língua histórica, incluindo os três tipos de dialeto e suas relações uns com os outros e levando em conta a diversidade diatópica dos níveis e dos estilos linguísticos” (v. p. 16), Coseriu dá um impulso decisivo para a renovação que irá levar seu aluno **Harald Thun** a ampliar ainda mais o escopo de análise da variação linguística, através do modelo teórico da dialetologia pluridimensional e relacional. O que Coseriu chega a preannunciar, Thun não apenas amplia, como também comprova e testa empiricamente, em projetos de grande alcance.

Como “ciência ampla da variação, a dialetologia pluridimensional e relacional de Thun não pode ser resumida a um conjunto de dados ordenados e correlacionados por meio de uma bateria de dimensões de análise. Os dois textos que apresentamos neste volume – *O velho e o novo na geolinguística* (THUN, 2000) e *Variação na interação entre informante e entrevistador* (THUN, 2005) – mostram a complexidade de relações em jogo no contato linguístico de variedades distintas e a importância de um tratamento adequado para captar essas relações. Thun mostra de que modo a dialetologia foi incorporando não apenas “toda a diferenciação [diatópica, diastrática, diafásica]”, reclamada por Coseriu, mas também uma série de outras variáveis ou dimensões que as mudanças na sociedade foram tornando cada vez mais relevantes, como a religião, os grupos etários, o gênero/sexo, os contatos linguísticos, as migrações, entre outras. Enquanto Thun (2000) dá um panorama histórico da pesquisa geolinguística nas diferentes fases – revistas a partir de Tomás Navarro Tomás (1962), – desde Gilliéron até os dias atuais, nos atlas linguísticos da trilogia rio-platense de H. Thun, o segundo texto (THUN, 2005) analisa os procedimentos usados na coleta de dados, para abarcar não apenas a fala espontânea (não apenas o vernáculo), mas “todo o” espectro variacional e todo o repertório linguístico dos falantes, no ponto de pesquisa.

Por fim, apresentamos um artigo de **Jürgen Erich Schmidt** (2005), que aprofunda a questão da norma, de sua delimitação e percepção pelos falantes no contínuo variacional entre o *standard* e o *substandard* do alemão. A partir da teoria da dinâmica linguística e de resultados de estudos empíricos recentes, Schmidt traz evidências para explicar os processos de normatização (ou de fixação da norma) nos eixos da temporalidade e da

espacialidade, considerando o papel da escrita e da oralidade na constituição da língua *standard*. Diante dessas evidências, Schmidt busca oferecer, ao final, como ele mesmo acentua, “uma definição de língua *standard* e de suas normas de oralização que, por um lado, seja coerente com a temporalidade e espacialidade constitutivas de cada língua em particular e que, apesar disso, permita uma diferenciação clara entre variedade *standard* e estados de fala regionais (*regionalsprachliche Sprechlagen*)” (v. p. 26, neste volume).

Como se vê, o texto de Schmidt, que tem por foco a língua alemã *standard* e sua constituição/formação/variação no tempo e no espaço, entra como contraponto para completar o *puzzle* de fatores e variáveis que constituem a complexidade da variação linguística no contínuo *standard*-dialeto, ou, como Coseriu coloca, da língua “exemplar”, em contraposição aos desvios da norma, à língua comum e às variedades subordinadas à língua histórica.

Esperamos que os textos apresentados aqui sejam de fato de grande auxílio para o entendimento e a autocrítica na dialetologia. Pois é essa autocrítica – poderíamos dizer, essa indagação e vigília constantes para dar conta da complexidade da variação linguística e acompanhar as mudanças na sociedade – que têm servido de motor para as inovações na dialetologia. Mas, para isso, é preciso que os próprios dialetólogos, ou como se designe “uma ciência ampla da variação”, queiram rejuvenecer.

Boa leitura e muito obrigado à Comissão Editorial, aos colegas Sandra Loguercio e Andrei Cunha, por acolher a presente proposta.